

O CRISTO DE PAULO LEMINSKI E JOSÉ SARAMAGO*

Salma Ferraz¹

Universidade Federal de
Santa Catarina

RESUMO: *O presente artigo desenvolve algumas idéias e conceitos sobre a Teopoética – o ramo de estudos comparados entre Teologia e Literatura. Especificamente, abordaremos o Cristo concebido na ficção de José Saramago em O evangelho segundo Jesus Cristo e o Cristo poetizado por Paulo Leminski em Jesus a.C.*

Palavras-chave: teopoética, teologia, Paulo Leminski, José Saramago.

ABSTRACT: *The present article develops some ideas and concepts about theopoetic - the field of studies compared between Theology and Literature. Specifically, we will deal with Christ conceived in the fiction by José Saramago in The gospel according to Jesus Christ and Christ poetized by Paulo Leminski in Jesus a.C.*

Keywords: teopoética, theology, Paulo Leminski, José Saramago.

Confesso-o. Causa-me horror o Deus sanguinolento e fúnebre que separou o homem da Natureza, que disse ao filho – Cospe em tua mãe!

No entanto, reconheço-o, de todos os Deuses existentes é Jeová quem ocupa ainda no Céu – Largo das Religiões – o mais belo e sumptuoso dos palácios. Brama e Buda vivem mal, mas no fim das contas são dois criados...

Quem diria que este truculento Sr. Padre Eterno, um pobre Deus, semita, desprotegido e bárbaro, um Deus de 4ª. ou 5ª. classe, havia de fazer uma carreira tão longa e tão brilhante!

Guerra Junqueiro

Prefácio à segunda edição de **A velhice do Padre Eterno**.

A Teopoética é um novo ramo de estudos literários, voltado para a reflexão literária dos textos bíblicos, para o diálogo, para o debate, por vezes conflituoso, porém fértil, entre Teologia e Literatura. Uma das perguntas centrais que a Teopoética tenta responder é se a Teologia suporta uma crítica estética ou, ainda, se a fé aceita uma análise puramente literária dos textos bíblicos. Muitos foram os poetas e escritores que, no decorrer da história da literatura brasileira, portuguesa, universal, escreveram sobre Cristo, sobre Deus, temas considerados sagrados para o Cristianismo. Cite-se aqui, como exemplo, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Gil Vicente, Fernando

*Recebido em março de 2005.

¹ Professora de Língua e Literaturas Vernáculas. Sua última publicação intitula-se *As Faces de Deus na obra de um Ateu* – José Saramago (Ed. da Furb – Blumenau e Ed. da UFJF – Juiz de Fora, 2003).

Pessoa, Guerra Junqueiro, Eça de Queirós, Dante e Milton. Outras perguntas propostas pela Teopoética são: como Deus foi abordado por escritores de diferentes épocas e nacionalidades? Qual é o Deus e o Cristo retratados pela literatura contemporânea? Haveria diferenças entre a abordagem de um crente e a abordagem de um ateu relativo a temas considerados sagrados? A fé seria um mau princípio estilístico? Quais as relações entre literatura contemporânea e crise existencial da consciência moderna? Esta e outras perguntas são debatidas por Karl Josef Kuschel em seu livro *Os escritores e as escrituras*², no qual o autor procura examinar o discurso literário sobre Deus em escritores alemães do século XX: Kafka, Rilke, Hesse e Thoman Mann. A Teopoética proposta por Kuschel abrange uma Teologia em diálogo crítico com a Literatura e a existência de critérios literários para a abordagem da Bíblia, um discurso estilístico sobre Deus, já que o discurso sobre Deus ocorre nos limites da linguagem.

Em *Literatura e espiritualidade*³, José Carlos Barcelos propõe novos desafios para este ramo de estudos, novo no Brasil, mas plenamente consolidado nos Estados Unidos e Alemanha. Segundo Barcelos, a aproximação entre Teologia e Literatura é necessária e possível porque ambas lidam com o resgate da condição humana. Defende ainda que o discurso teológico precisa do discurso literário, que o discurso teológico necessita, de certa forma, outrar-se, caminhar ao encontro do discurso literário, caso contrário, corre o perigo de

tornar-se uma linguagem morta, já que há coisas que só a Literatura pode e consegue expressar de maneira adequada. Barcelos enfatiza uma idéia já defendida por estudiosos desta área: que os grandes temas da Literatura – morte, vida, esperança, desencanto, velhice, o tempo, o mal, o bem – são os principais temas da Teologia, uma vez que tanto a Teologia quanto a Literatura se preocupam e têm como destinatário comum o homem. Após tecer várias considerações, o ensaísta explicita que a reflexão teológica não significa necessariamente fé, mas sem as estruturas lingüístico-literárias não se pode efetivar uma reflexão coerente sobre temas da fé.

Pinharanda Gomes, em *Teodiceia portuguesa contemporânea*, afirma que Deus é “a mais abstrata das idéias até agora inteligida pela razão animada ou pela razão pensante do homem [...] Deus é além do mais a idéia das idéias, pensada pelos homens pensantes e interrogada pelos homens pensadores.”⁴ Pinharanda constata que a Teologia pensa e ama Deus como verdade suprema, enquanto a Filosofia ama o pensar, o refletir sobre a idéia da existência de Deus.

Em *Letra y espíritu*⁵, Cecília Avenatti e Hugo Rodolfo Safa tentam, no primeiro capítulo, achar aquilo que eles denominam de *elementos para um método* sobre os estudos de Teopoética. Neste capítulo, os autores defendem a idéia de que a obra

2 KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e as escrituras*: retratos teológico-literários. Trad. Paulo Soethe. São Paulo: Loyola, 1999.

3 BARCELOS, José Carlos. *Literatura e espiritualidade*. Bauru: Edusc, 2001.

4 GOMES, Pinharanda. *Teodiceia portuguesa contemporânea*. Lisboa: Sampedro, 1974, negrito nosso. Todos os negritos usados nas citações no corpo do texto e nas citações destacadas do texto são da autora. Quando o negrito pertencer ao autor da citação, será esclarecido logo em seguida.

5 AVENATTI, Cecília & SAFA, Hugo Rodolfo. *Letra y espíritu – Diálogos entre Literatura y Teología*. Buenos Aires: Universidad Católica, 2003, p. 22-40

literária pode ser tratada por um viés teológico e o texto teológico pode receber um tratamento literário. Para isto é indispensável que teólogos leiam e aprendam Literatura e que os literatos entendam mais de Teologia e da Bíblia. A proposta dos autores é buscar um método formal e comparativo para os estudos entre Teologia e Literatura e descobrir o que eles denominam de *zona genesiaca*: até que ponto podemos encontrar o aspecto teológico no literário e o aspecto literário no teológico? Qual a zona de intersecção entre estes dois campos de estudos?

É dentro deste ramo de estudos – a Teopoética – que nos interessa tecer algumas considerações sobre dois escritores de Língua Portuguesa, que de uma maneira bem peculiar reescreveram **Os evangelhos bíblicos**: Paulo Leminski e José Saramago.

O que poderia haver em comum entre dois autores tão diferentes como Paulo Leminski e José Saramago?

Antes de responder a tal questão, alguns esclarecimentos se fazem necessários. Leminski é brasileiro e nasceu no estado do Paraná. Foi poeta, filósofo, humorista, prosador, compositor e tradutor das obras de Joyce e Beckett, jornalista, crítico, historiador, letrista e exegeta. Ele dominou perfeitamente os idiomas grego, hebraico e sânscrito para poder ler a Bíblia. Possui uma vasta produção literária que abrange biografias, ensaios, ficção, poesias e haicais.

Por outro lado, temos o escritor português José Saramago, laureado com o prêmio Nobel de Literatura em 1998, concedido em reconhecimento pela sua vasta produção literária. Após um período chamado *formativo*, em que o autor perambulou por poesias, crônicas e ensaios, ele

encontrou o gênero que coroou sua maturidade literária: o romance.

Parece que este tema – o Cristianismo e seus principais personagens bíblicos – fascina José Saramago. Cabe aqui uma pergunta: Afinal, o que é um tema? É Guillén quem responde “*Thema* es la actitud personal y subjetiva del escritor ante lo que la vida y la literatura le proponen” e “el tema es el destino inelutável del escritor. Es lo que nos lleva a un tratamiento valorativo más profundo”⁶. Segundo ele, há em cada grande escritor um *tema vital* que persiste sobre os demais, revelando sua permanência, sua recorrência, enfim, uma espécie de obsessão. A tematologia é importante porque se estrutura nos diversos campos de estudo da Literatura.

Este tema se faz presente na ficção narrativa de José Saramago, a partir da relação conflituosa e fértil dos textos do escritor com a Bíblia, com as tradições e dogmas religiosos, por meio do tenso diálogo entre Literatura e Teologia, da negação desta por aquela, uma constante em suas obras. Isto pode ser notado mais acentuadamente em obras como: **Terra do pecado** (1947), **Memorial do convento** (1982), **História do cerco de Lisboa** (1989), **O evangelho segundo Jesus Cristo** (1991), **In nomine Dei** (1993), **A segunda vida de Francisco de Assis** (1998). Portanto, este tema estrutura e incita a obra literária do autor português e transforma-se num pretexto fértil e sedutor para sua criação literária. Podemos afirmar que há um discurso literário sobre Deus e sobre Cristo em seus romances e que

6 GUILLÉN, Cláudio. Los temas: La tematología in: **Entre lo uno y lo diverso**. Introducción a la Literatura Comparada. Barcelona: Editorial Crítica, 1985.

este tema é recorrente em sua produção literária, comportando-se como um eixo condutor em grande parte de seus romances. Saramago constrói meticulosamente no decorrer de sua produção literária aquilo que denominamos de Antiteodicéia, negando o caráter justo de Deus.

Voltando à pergunta inicial, que ponto em comum haveria entre dois escritores de trajetórias tão diferentes? Respondemos: ambos, em determinado momento de suas produções, resolveram reescrever a vida de Jesus Cristo. Saramago publicou sua versão sobre a vida de Cristo em 1991, intitulada **O evangelho segundo Jesus Cristo**, enquanto Paulo Leminski publicou a biografia **Jesus a.C.**, em 1986.

Tanto Saramago como Leminski resolveram recontar a história do protagonista dos evangelhos bíblicos – Jesus. Saramago parodia **Os evangelhos** canônicos, utilizando uma ironia corrosiva, ao passo que Leminski parte de uma contundente análise literal do texto bíblico. É impressionante como, em determinado momento da vida dos dois escritores, eles resolveram se debruçar sobre a mesma temática. Com criatividade e muito engenho, os dois transformaram o texto-base, **Os evangelhos**, em um outro texto.

Não cabe aqui discutirmos as razões pelas quais eles resolveram propor questões sobre a vida de Cristo, mas aventamos uma hipótese: sendo esta uma história *arqui-conhecida* em todo o Ocidente, a ponto de moldar a identidade ocidental, eles não poderiam deixar de oferecer também sua versão literária.

Cabe esclarecer que a Bíblia está entre os maiores *best-sellers* de todos os tempos e é uma obra clássica da literatura mundial. A bem da verdade, não se trata apenas de um único livro, mas de uma antologia de livros do Judaísmo

(Velho Testamento) e de uma antologia de livros do cristianismo primitivo (Novo Testamento). No Velho Testamento encontramos o relato do mais antigo protagonista bíblico – Deus, *yahweh elohim, edonay* — ou, “no sentido mais básico da palavra o protagonista, o *protos* agonistes, ou o ‘primeiro ator’ da Bíblia⁷. A Bíblia relata a história de Jeová do Velho Testamento e a história de Cristo (Deus encarnado) no Novo Testamento. Para os estudos de Teopoética, defendemos a idéia de que seria mais apropriada a denominação de *Primeiro Testamento* e *Segundo Testamento*.

É Unamuno quem insinua, em sua obra **A agonia do Cristianismo**, que, se o Cristianismo desaparecer, a civilização ocidental tende a desaparecer juntamente com ele.⁸ O Cristianismo está na base de toda a cultura, de toda a história do Ocidente⁹. Frye afirma que, apesar de a tipologia bíblica ser uma linguagem morta e desconhecida até por eruditos, há uma íntima ligação entre Teologia e Literatura, já que “a literatura ocidental tem sido mais influenciada pela Bíblia do que por qualquer outro livro...”¹⁰. Corroborar essa mesma idéia Jostein Gaarder ao afirmar “... o Cristianismo é o pré-requisito para compreender a sociedade e

7 MILES, Jack. **Deus, uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 105.

8 UNAMUNO, Miguel de. **A agonia do Cristianismo**, p. 91. Mais à frente, na p. 133, o autor afirmará “O Cristianismo mata a civilização ocidental, ao mesmo tempo que esta mata aquele. E vivem assim, matando-se, numa íntima relação de agonia”.

9 FRYE, Northrop, em **The great code: the Bible in literature**, discute a questão da ressonância dos episódios bíblicos no imaginário ocidental.

10 FRYE, Northrop. **Terceiro Ensaio – Crítica arquetípica/ teoria dos mitos**. In: **Anatomia da crítica**. São Paulo: Cultrix, 1973, p. 21.

a cultura em que vivemos”¹¹; portanto, a obra literária produzida no Ocidente sempre guardará referência à cultura que lhe deu origem.

Cabe aqui citarmos Harold Bloom: O texto original do que hoje chamamos de Gênesis, Êxodo e Números é trabalho de um narrador magnífico, certamente um dos maiores contadores de história do mundo ocidental. (...) Pense em figuras como José, Jacó e Jeová. São todos personagens maravilhosos. E os efeitos poéticos dos textos são extraordinários, comparáveis a Píndaro. Os profetas Isaías, Jeremias e Ezequiel também eram grandes escritores, assim como os autores do **Evangelho de Marcos e do Livro de Jó. A Bíblia é uma vasta antologia da literatura de toda uma cultura.**¹²

Se, para Bloom, a Bíblia é uma antologia literária de um povo, para Miles, em **Deus, uma biografia**, a Bíblia é o livro da história de Deus. O autor complementa: “A Bíblia é inquestionavelmente uma extraordinária obra de literatura, e o **Senhor Deus um personagem dos mais extraordinários.**”¹³

Estreitando ainda mais estas considerações, podemos afirmar que não existe Ocidente sem a idéia de Deus¹⁴. Miles afirma também que o Deus dos judeus e dos cristãos constitui a realidade última do Ocidente e que todo ele foi moldado a partir da idéia de Deus. Ressalta ainda que

11 GAARDER, Jostein. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 137.

12 BLOOM, Harold. **Leio, logo existo**. Revista Veja. São Paulo: Abril, p. 11-15, 31 jan, 2001.

13 MILES, Jack. Op. cit, p. 27, negrito nosso.

14 Athalya Brenner em sua obra **Gênesis – a partir de uma leitura de gênero**, na p. 22, é ainda mais contundente ao afirmar que “... a Bíblia é um fardo, a herança da qual não podemos – ou não queremos – nos livrar.”

“nenhum personagem, porém – no palco, na página ou na tela – jamais teve o sucesso que Deus sempre teve. **No Ocidente, Deus é mais que um nome familiar; ele é, queira-se ou não, um membro virtual da família ocidental**”¹⁵.

Para Karamazov, personagem de Dostoiévski, só há uma questão verdadeiramente filosófica: a existência de Deus - *se Deus não existe, então tudo é permitido*. Grandes pensadores como Karl Marx, Charles Darwin, Sigmund Freud, Heidegger, Leibniz, debruçaram-se sobre esse assunto, defendendo uma visão de mundo sem espaço para a religião. Entre eles citamos Nietzsche que, após definir o Cristianismo como *a religião dos fracos*, decretou a morte de Deus.

O tema fascinou também Paulo Leminski e José Saramago, já que ambos escreveram versões dos *Evangelhos* que contrariam frontalmente a versão dos relatos sagrados.

Saramago escreve um evangelho pelo ponto de vista de Jesus Cristo. Sua versão denomina-se **O evangelho segundo Jesus Cristo**, como se, além dos outros quatro evangelhos conhecidos, houvesse um que tivesse sido escrito pelo próprio Jesus – uma espécie de *quinto evangelho* - o que explica o título do livro. De forma idêntica, Leminski vai identificar sua versão como biográfica, porém, uma biografia não autorizada, apenas com o título *Jesus a.C.*, como se só importasse a pessoa de Jesus, em detrimento da missão atribuída pelos evangelhos ao Cristo Salvador. Leminski se importa com os mínimos detalhes e fatos da vida de Cristo como pessoa, sem se preocupar em fazer com que os acontecimentos correspondam aos anseios messiânicos dos

15 MILES, Jack. Op. cit, p. 15, negrito nosso.

profetas do Velho Testamento.

Saramago começa seu (des)evangelho com a descrição dolorosa de Cristo na cruz, e o faz a partir de um quadro de Dürer (*A crucifixão*), alertando para o fato de que esta é mais uma das versões entre as muitas já conhecidas.

Leminski inicia seu evangelho com uma carta de intenções na qual esclarece seu objetivo ao biografar Cristo.

... apresentar uma semelhança o mais humana possível desse Jesus, em torno de quem tantas lendas se acumularam, floresta de mitos que impede de ver a árvore.

Outra, a de ler o **signo-Jesus como de um subversor da ordem vigente, negador do elenco dos valores de sua época e proponente de uma utopia.**

Outra ainda, seria a intenção de revelar o poeta que Jesus, profeta, era. (**Jesus a.C.**, p.141, **negrito nosso**)

Pelo parágrafo acima, já notamos que o enfoque dado a Jesus é diferente nos dois escritores. Se fizermos uma análise minuciosa da trajetória de Cristo no **Evangelho segundo Jesus Cristo**, observaremos o seguinte: Cristo é uma cobaia inexorável que tenta desesperadamente fugir de um destino que lhe é imputado por vontade soberana de Deus, apresentado como um déspota por Saramago. No episódio da barca, isto fica claro: Deus e o Diabo se comportam como heterônimos, ou seja, são faces distintas da mesma moeda, e Cristo como uma ovelha a ser sacrificada impiedosamente. O Diabo é o grande herói de **O evangelho segundo Jesus Cristo** e é praticamente transformado na terceira pessoa da Trindade, já

que o Espírito Santo está ausente do texto de Saramago e este papel – o do *consolador* – é o ocupado pelo Diabo. Poderíamos ousar mais ainda e afirmar que talvez o Diabo ocupe no (des)evangelho de Saramago o lugar de Segunda Pessoa da Trindade, de uma Trindade que agora se quer apenas dupla. Leminski, por sua vez, descreve um Cristo contestador que nega os valores vigentes e cria a maior utopia de todas as épocas: o Cristianismo.

Na composição ficcional de seus evangelhos, Saramago e Leminski demonstram conhecer profundamente os evangelhos canônicos e os evangelhos apócrifos. Saramago reescreve a trajetória de seu Cristo através das lacunas dos evangelhos canônicos, por exemplo: o que Cristo teria feito dos 12 aos 18 anos? Há um silêncio nos evangelhos sobre este período da vida de Cristo. Esse vácuo também é explorado por Leminski. Ambos aceitam o fato de Cristo ser o filho mais velho de uma família numerosa e ter problemas sérios de relacionamento pessoal com sua mãe, Maria. Saramago constrói uma Maria a quem denomina *rapariguinha frágil, por assim dizer, dez-réis de gente... fraca figura, Maria não é piedosa, nem justa, mentirosa e maliciosa, como uma segunda Eva*. Para Leminski, *Jesus parece ter, em relação à mãe, uma oblíqua atitude de repulsa*. Porém, o que mais espanta o biógrafo é o fato de *Maria ter se tornado quase uma deusa-mãe, objeto de um culto especial, verdadeira aberração no mundo rigidamente patriarcal do judaísmo primitivo* (*Jesus a.C.*, p.189).

Leminski parte literalmente dos textos canônicos, porém faz uma interpretação completamente diferente da teológica. Ele aponta para o fato de que tanto Buda, Sócrates e Jesus não deixaram nada escrito e nenhum evangelho foi

escrito na língua que Jesus falava: o aramaico. Ou seja, os evangelhos que conhecemos já chegaram a nós traduzidos. Portanto, segundo o autor, nunca houve uma escritura *crística*, já que Jesus nada escreveu. Também esclarece que Jesus não teria conhecimento da palavra Cristo, que vem do grego, já que ele só falava o aramaico. Talvez tivesse conhecimento do vocábulo hebraico *Messias*, mas jamais *Cristo*. Exatamente por este motivo, Leminski, ironicamente, intitula sua biografia *Jesus a.C.*, ou seja, o Jesus que existiu antes de ter se tornado o Cristo. Leminski se interessa somente por Jesus, o homem, em detrimento de Jesus, o Cristo.

O que percebemos na leitura de **O evangelho segundo Jesus Cristo** e nas diversas entrevistas de Saramago é o ateísmo explícito do autor, ao passo que, em Leminski, é possível perceber uma aceitação do Jesus histórico e uma grande admiração pelo Jesus da fé, talvez pelo fato do autor ter vivido por quatorze anos em um mosteiro. Isso pode ser observado na citação abaixo:

Não resta, porém, a menor dúvida, de que por trás desses ditos e feitos, existiu uma pessoa real, de carne e osso, um rabi da Galiléia, que mudou o mundo como poucos.

A ser verdade tudo o que dizem os evangelhos, não há nenhum personagem da antiguidade sobre o qual saibamos tanto quanto sobre Jesus. Infância, família, formações: detalhes mínimos que não temos sobre Péricles, Sócrates, Alexandre, César, Augusto, Cícero ou Virgílio.

O impacto que sua vida e doutrina provocaram nos contempo-râneos atingiu tal intensidade que, hoje, ainda, vibra.

(*Jesus a.C.*, p. 147, negrito nosso)

Ao contrário dos exegetas que apontam que Jesus teria suavizado a lei mosaica, Leminski afirma que Jesus *exagerou* a pureza da doutrina de Moisés. Para provar sua idéia, o autor cita, literalmente, Jesus:

Não pensem que vim para dissolver a Lei ou os profetas. Não vim dissolver, mas realizar. Amém vos digo, até passar o céu e a terra; da lei, não vai morrer um jota nem uma vírgula.

A fala de Jesus acima, segundo Leminski, o identifica a um legítimo fariseu, justamente o grupo social tão combatido por ele, dado o seu formalismo religioso. O autor também mostra a ferocidade de um Jesus profeta profundamente irado:

Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas! Sepulcros pintados, lindos por fora; por dentro, cheios de ossos de mortos e podridão.

Aponta, ainda, para o fato de as igrejas, em geral, escamotear a violência da pregação *crística*. Além de um profeta irado, Leminski revela o exagero utópico da pregação de Cristo: levar um tapa e oferecer a outra face.

Os dois autores denunciam, de forma diferenciada, a misoginia da religião cristã. Saramago, no primeiro capítulo de seu evangelho, coloca a seguinte fala na boca do personagem José, pai de Jesus: *Louvido sejas tu, Senhor, nosso Deus, rei do universo, por não me teres feito mulher* (ESJC, p.27). Leminski aponta para um detalhe que lhe parece estranho na genealogia de Jesus: toda ela, no evangelho de Mateus, é composta por homens e termina em José, após o qual vem, inesperadamente,

a concepção virginal de Jesus, *sem concurso de homem. Ora, a ser assim, para que a genealogia de seu pai José? (Jesus a.C., p.161)* .

Cabe lembrar que o narrador de Saramago não tem nenhuma simpatia por José, o que acaba por influenciar o leitor nessa direção. A antipatia é tão grande que o narrador transforma José numa espécie de *bode expiatóri*, que leva culpa pelas crianças mortas quando do nascimento de Cristo. O personagem José sai muito cedo de cena: é crucificado e encerra sua participação no evangelho profano de Saramago. Já Leminski é extremamente irônico com José. Para ele, não há justificativa nenhuma para tanto esmero do evangelista Mateus em montar corretamente a genealogia de José. Assim sendo, qual a importância de José, já que Maria foi fecundada pelo Espírito Santo? Continuando sua análise de José, Leminski aponta para a ausência completa do pai de Jesus nos principais episódios de sua vida, provocando aquilo que ele chama de *nostalgia do pai ausente. Isto teria deixado um vazio insuportável e difícil de preencher na vida de Cristo.*

Com relação a Madalena, há uma polêmica releitura nos dois autores. Saramago faz Madalena ocupar e transcender o lugar de Maria, mãe de Jesus: Madalena acompanha Cristo nos momentos mais trágicos de sua vida, a ponto de ser transformada numa espécie de discípula amada. Leminski levanta a seguinte pergunta: o que estaria Jesus escrevendo no pó do chão, quando ocorreu o episódio do apedrejamento da adúltera? Ele aponta para uma lenda da igreja primitiva, segundo a qual Jesus, possivelmente, estaria escrevendo o nome de Madalena.

Com relação à exegese bíblica em torno de Maria Madalena, os fatos não são claros, mas há

coisas que não se podem afirmar. Há uma mulher que quase é apedrejada por adultério e não é nomeada, outra que enxuga os pés de Jesus com seus cabelos e é identificada com Maria, irmã de Marta e Lázaro; e Maria Madalena, da qual Cristo expulsou demônios e que passou a segui-lo com seus bens. Madalena estava na crucifixão e foi a primeira pessoa a quem Cristo apareceu depois de ressuscitar. Esclarecendo, não há nos quatro evangelhos, nenhuma frase que afirme que Madalena foi prostituta, ou que relacione Madalena à mulher que foi livrada do apedrejamento por Cristo ou à mulher que ungiu Jesus e enxugou seus pés com seus próprios cabelos.

Recentemente foi publicado o polêmico livro **O código da Vinci**, e em seguida à sua publicação foram publicados quase dez livros explicativos sobre o mesmo. Nele, o autor Daw Brown cria uma trama, na qual Jesus foi realmente casado com Madalena. Ambos possuíam sangue real, provinham de uma linhagem nobre da casa de David e tiveram uma filha. Também a lenda do Santo Graal, que fala de um cálice sagrado, no enredo do romance, aparece como metáfora perfeita para Maria Madalena, para o sagrado feminino, cujo útero foi o cálice para abrigar a filha de Jesus.

Neste ponto, tanto Leminski como Saramago seguiram a tradição implantada por Papa Gregório, o Grande (540-604), que, em um sermão feito na Páscoa de 591, num erro homérico, confundiu a mulher que ungiu os pés de Jesus com suas lágrimas e seus cabelos e denominada como *a pecadora*, episódio narrado pelo evangelista Lucas no capítulo 7, com Lucas 8, versículo 2, que traz a informação de que, entre as mulheres que serviam Jesus, *estava Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios.* Por puro engano de leitura e interpretação, Madalena passou para a

História como a prostituta que tentou com seus encantos desviar o caminho do Salvador. Só quatorze séculos depois, em 1969, o Vaticano admitiu que Gregório se equivocara. Tarde demais, *um equívoco* que durou quatorze séculos não será apagado de uma hora para outra.

Tanto Leminski como Saramago seguiram a tradição ao retratarem Madalena como uma meretriz, talvez por causa da poeticidade que poderia ser explorada dentro desta versão deturpada pelos pais da Igreja Católica.

Saramago choca os leitores cristãos ao permitir que Jesus tenha um envolvimento sexual com Madalena. Já Leminski, que trabalha sempre com o texto literal, defende Jesus como homem abstinente do prazer sexual. Afinal, Jesus era *nazir*; aponta-o, porém, como um homem extremamente galante e cortejador, citando o episódio da samaritana, onde ele apela novamente para parábolas e trocadilhos, nos quais era exímio:

Se você me der desta água,
vou te dar a água da vida,
a água que, uma vez bebida,
sacia a sede para sempre.

O biógrafo afirma: *Jesus, sem sombra de dúvida, ganhou seu gole d'água.*

Saramago denuncia, com todas as letras, a misoginia da religião judaico-cristã e cria uma das mais fantásticas personagens femininas da literatura portuguesa: Maria de Magdala, ou Madalena. Ela é dotada de uma sabedoria peculiar, a ponto de impedir que Lázaro seja ressuscitado, pois *ninguém, na vida, teve tantos pecados que mereça morrer duas vezes* (ESJC, p.428) e de ocupar na vida de Cristo o lugar de mãe,

amante, e discípula. Também Leminski aponta o universo judaico como *patriarcal, falocrático e poligâmico, no qual a mulher é subalterna, secundária, menor, algo entre os camelos e os rebanhos, já que os humanos plenos são machos* (Jesus a.C., p.186). Leminski aponta as complexas relações de Jesus com as mulheres, afirmando que sua doutrina e presença exerciam grande fascínio sobre elas. Cita, como exemplo, Lucas 8: 2, 3, no qual o evangelista menciona, entre diversas mulheres, Maria Madalena, Joana e Suzana. Na versão de Leminski, as mulheres formavam um séquito em volta de Jesus, numa relação mãe/filho: eram as mulheres que alimentavam Jesus. Explica, ainda, que o papel das mulheres foi fundamental na expansão do Cristianismo, tanto entre as pessoas humildes como nas altíssimas rodas do Império Romano, já que as primeiras convertidas foram imperatrizes e grandes damas da família imperial. Isso se deve ao fato de que as mulheres sempre souberam ouvir melhor que os homens. Diante de tudo isso, Leminski faz a seguinte colocação: por que Maria, Marta e Madalena não foram denominadas como apóstolas, transmissoras da doutrina, como o foram o bancário Mateus ou o obtuso pescador Pedro? (Jesus a.C., p.191). Tanto Leminski como Saramago colocam Cristo como precursor do movimento feminista, isentando-o da misoginia implantada e propalada pela Igreja Católica, que até hoje nega às mulheres o exercício do sacerdócio.

Outro aspecto interessante que Leminski analisa diz respeito ao *Jesus-poeta*. Nesse caso, o autor estranha que as melhores metáforas e apólogos da vida de Jesus tenham sido retiradas da vida agrícola, já que Cristo não era agricultor e, muito menos, pescador: era carpinteiro. O autor questiona porque a tradição enfatiza tanto a

profissão de Jesus, quando ele sequer aparece trabalhando. Citamos Leminski: *em nenhum momento Jesus planta, colhe, cozinha, serra, tece ou pesca. Tudo o que faz é pregar* (Jesus, p.169). Parece que Cristo, para pregar e criar suas parábolas, necessitava do chamado *ócio criativo*. Voltando ao *Jesus-poeta*, Leminski esclarece que, como todo bom poeta, Jesus não se expressava com clareza, já que utilizava parábolas e trocadilhos, recursos próprios de um poeta. Seu meio de expressão predileta era a parábola, *verdadeiras unidades poéticas capazes de irradiar diversos significados espirituais e práticos*. Toda sua doutrina concentrou-se em parábolas, sendo que as interpretações e comentários ocorreram posteriormente.

O semeador saiu a semear.
 Parte da semente
 caiu ao longo do caminho,
 vieram as aves do céu
 e comeram-na.
 Parte caiu na pedra,
 Não tinha terra,
 nasceu, veio o sol e secou.
 Parte caiu entre os espinhos,
 os espinhos a sufocaram.
 Parte, enfim, caiu em terra boa,
 E deu frutos,
 cem por um, outros sessenta por trinta.
 Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

Na parábola do semeador, Jesus se refere à pregação do evangelho, revelando uma verdade abstrata através de coisas materiais. Segundo Leminski, Jesus utilizou um recurso já empregado pelos gregos e até por Confúcio. Enfatiza, ainda, que as parábolas de Jesus são ícones produtores

de informação. Além disso, aponta para um Jesus que sabia muito bem fazer uso da ironia, tal qual os cínicos gregos:

A Lei de Roma manda
 Que se pague este tributo a César.
 O que é que você diz disto ?
 De quem é esta efígie
 Gravada na moeda ?
 “de César”.
 “A César o que é de César,
 a Deus o que é de Deus” (p.183).

Saramago também explora o *Jesus-poeta*. A poeticidade de Jesus em **O evangelho segundo Jesus Cristo**, porém, está ligada diretamente ao seu destino trágico, como podemos observar nas contundentes respostas dadas a Deus no episódio da barca. Mas esta poeticidade se torna suave quando ele dialoga com Madalena:

Dias passados, Jesus foi juntar-se aos discípulos, e Maria de Magdala foi com ele, *Olharei a tua sombra se não quiseres que te olhe a ti, disse-lhe, e ele respondeu, Quero estar onde a minha sombra estiver, se lá é que estiverem os teus olhos*, Amavam-se e diziam palavras como estas (ESJC, p.431).

O momento crucial na vida de Jesus é abordado de maneira diferente pelos autores. Saramago, no episódio da barca, coloca Jesus no *deserto do mar*, perante o Pastor/Diabo e Deus, completamente desesperado diante de seu destino trágico que se configura naquele momento. Tal destino aponta para um futuro sangrento: a morte de Cristo e a morte futura de milhares de pessoas inocentes. Por sua vez, Leminski também analisa

a tragicidade do destino de Cristo. A Páscoa judaica aponta para dois pontos distintos: para o passado, ou seja, a libertação do povo judeu do Egito, e para o futuro, o nascimento do Libertador. Assim sendo, a Páscoa funciona como uma figura¹⁶. Leminski analisa o texto literal dos evangelhos e vislumbra com acuidade a dor que Jesus sentiu no momento da comemoração da Páscoa, pois compreendeu, naquele trágico momento, que o cordeiro a ser comido naquela páscoa era ele mesmo.

Saramago termina seu evangelho com Cristo tentando fugir desesperadamente da cruz e, assim, frustrar o plano da Salvação. Já Leminski termina sua biografia afirmando que Jesus, talvez, tenha sido o maior de todos os revolucionários, maior que Lênin, Trotsky, Zapata, Fidel e Guevara, afinal, *a doutrina de Cristo tomou o poder no Império Romano sem disparar um só tiro, quer dizer, sem disparar uma flecha ou levantar uma espada* (Jesus a.C., p.193). Ou seja, essa parece ser, para Leminski, a única utopia que deu certo: a doutrina de um humilde galileu conquistou o império dos césares de Roma.

O grande questionamento de Leminski é se a encarnação, mistério supremo da cristandade, humanizou Deus ou deificou o homem. Saramago, ao contrário, não deixa nenhuma pergunta no ar. Se Nietzsche matou Deus, Saramago cremou suas cinzas. O escritor português demonizou o personagem divino, tornou o Diabo o grande herói de seu evangelho, uma espécie de terceiro (ou segundo?) homem da Trindade (talvez Dupla) e, principalmente, humanizou, radicalmente, a figura de Jesus Cristo.

Tanto Leminski como Saramago tentaram

responder por meio da ficção a uma pergunta que está no ar há dois mil anos: Afinal, quem foi realmente Jesus? Quem foi este personagem diante do qual o Ocidente e a História nunca puderam manter-se indiferentes?

Cabe aqui citar algumas perguntas inquietadoras formuladas por Juan Árias em **Jesus, esse grande desconhecido**¹⁷: *Que teria sido do Ocidente e do mundo se Jesus não tivesse existido? Que teria sido da Literatura (Dante), da música (Bach), da Arte (Michelângelo, Rafael, Giotto), se Cristo não tivesse existido? Jesus realmente existiu ou foi um mito?*

Tanto Leminski como Saramago, de uma maneira peculiar, construíram uma poética de Cristo. Leminski nos retrata um Cristo poeta e cortejador, e Saramago um Cristo que quer, definitivamente, viver tão somente como um ser humano.

Cabe lembrar aqui a excelente imagem concebida em **Dom Casmurro** por Machado de Assis, outro seduzido pela mesma temática dos autores aqui estudados. Ele criou uma nova versão do gênese, ou melhor, uma versão ficcional dos fatos que antecederam o *gênesis*. Segundo Machado, no capítulo IX de **Dom Casmurro**, intitulado A ópera, Deus era um poeta, e Satanás, um músico. Deus escreveu um libreto de ópera, mas abriu mão do mesmo porque acreditava que tal tarefa não condizia com sua eternidade. Satanás levou o libreto consigo para o inferno e lá compôs a partitura. O Diabo quis tocar a mesma no céu, mas Deus não aceitou, e só permitiu que a ópera fosse executada fora do céu, concordando em dividir os direitos autorais da composição com o Diabo. O palco, o teatro especialmente construído para esta milenar ópera, foi o planeta Terra, sendo

16 AUERBACH, Erich. *Figura*. São Paulo: Ática, 1977.

17 ÁRIAS, Juan. *Jesus – esse grande desconhecido*. Trad. Rubia Prates Doldoni. Rio de Janeiro/ Objetiva. 2001.

os homens criados para atuarem como platéia privilegiada. Segundo Machado, *A ópera teria o terceto do Éden, a ária de Abel, etc.* Seguindo sua maravilhosa idéia, podemos afirmar que a ópera composta em parceria por um poeta e um músico teve três grandes atos: *A queda do Homem, A encarnação de Cristo*, e terminará com apoteose final: *O apocalipse*.

Esta ópera milenar, verdadeira ou não, sagrada ou apenas mito, é imortal e vem sendo apresentada pela Teologia e pela Literatura ao longo dos anos e dos séculos. Seu sucesso é cada vez maior e ela já se tornou um clássico no Ocidente, talvez devido ao fato de ter sido composta por um poeta e por um músico. No segundo ato desta ópera está Jesus, o protagonista deste ato. *O signo-Jesus*, o mito Jesus, o Jesus histórico, o Jesus teológico, o Jesus da fé, o Jesus poeta, sempre ofereceu um tema riquíssimo para a Literatura de todas as épocas e este tema é inesgotável. Fecham-se as cortinas, ouvem-se os aplausos, mas o espetáculo continua, pelos séculos dos séculos... Afinal, tudo começou com um poeta... !Bravo!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁRIAS, Juan. **Jesus – esse grande desconhecido**. Trad. Rubia Prates Doldoni. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ASSIS, Machado . **Dom Casmurro**. São Paulo: Ed. Globo, 1997.

AVENATTI, Cecília I. & SAFA, Hugo Rodolfo. **Letra y espíritu – Diálogos entre Literatura y Teología**. Buenos Aires: Universidad Católica, 2003.

AUERBACH, Erich. **Figura**. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 1977.

BROW, Dan. **O código da Vinci**. Trad. Celina Cavalcante. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

BARCELOS, José Carlos. **Literatura e espiritualidade**. Bauru: Edusc, 2001.

BLOOM, Harold. Leio, logo existo. **Revista Veja**. São Paulo: Abril, p. 11-15, 31 jan, 2001.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 1986.

FERRAZ, Salma. **As faces de Deus na obra de um ateu – José Saramago**. Blumenau: Ed. Furb/ Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2003.

FRYE, Northrop Frye. Terceiro Ensaio – Crítica arquetípica/ teoria dos mitos. In: **Anatomia da Crítica**. Trad. Péricles da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973.

GAARDER, Jostein. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOMES, Pinharanda. **Teodiceia portuguesa contemporânea**. Lisboa: Sampedro, 1974.

KUSCHEL, Karl-Josef. Os escritores e as escrituras: retratos teológico-literários. Trad. Paulo Soethe. São Paulo: Loyola, 1999.

LEMINSKI, Paulo. Jesus. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MILES, Jack. Deus – uma biografia. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SARAMAGO, José. O evangelho segundo Jesus Cristo. São Paulo: Companhia da Letras, 1991.

UNAMUNO, Miguel de. A agonia do Cristianismo. Trad. Artur Guerra. Lisboa: Cotovia, 1991.